FOTOS: VALDIR MESSIAS

No antigo hospital do Núcleo Bandeirante, será criado o Museu Vivo da História Candanga, contando a epopéia da construção

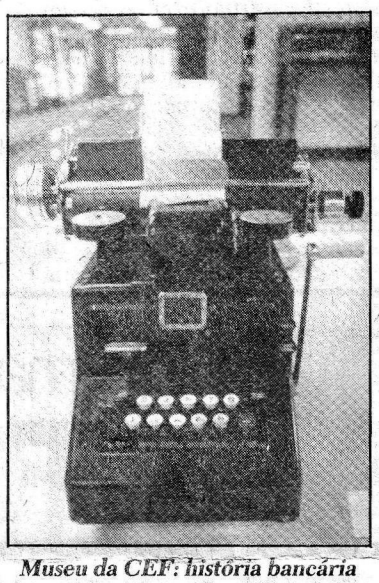
Brasiliense não lembra de visitar os museus

JÚLIO MOSQUÉRA

Em meio à crise que o País atravessa surgem muitos conceitos para rotular o comportamento da população. Um deles — o de que o brasileiro não tem memória — vem sendo usado com frequência em justificativa do resultado de uma eleição, das medidas sem efeito no combate à inflação, e em outras situações. A propriedade ou não desse rótulo merece análise pormenorizada. Mas se levarmos em conta apenas um aspecto isolado, traçando um paralelo entre a afirmativa e as visitações aos museus, podemos encontrar, mesmo superficialmente, um fundo de verdade.

Brasília, em muitos aspectos, é privilegiada por ser o resultado de uma construção planejada, o que possibilitou um acervo rico em detalhes. São apenas 30 anos de inauguração da cidade, mas os acontecimentos que resultaram no dia 21 de abril de 1960 proporcionaram uma história bem mais antiga. "Temos tanta coisa a aprender nos museus. Precisamos nos voltar para o valor deles", comenta Célia Corsino, coordenadora do Programa de Museus da Secretaria de Cultura.

Ao todo, são 15 museus espalhados pelo Distrito Federal. Ao lado dos que preservam a história da construção de Brasília, existem aqueles destinados a perpeuar momentos da economia (como o da Caixa Econômica Federal ou o do Banco Central), o da Imprensa e os que guardam documentos de fases importantes do Brasil, como o do Supremo Tribunal Federal. Todos, entretanto, continuam à espera dos visitantes.



Museu da CEF: história bancária

"Nos grandes centros, o hábito de ir aos museus começa a ganhar corpo", argumenta Célia. Mas em Brasília, a frequência manteve-se estacionada em números nada entusiasmantes. A consequência da baixa procura atinge a manutenção do acervo: "Sem prestígio junto à comunidade, os museus não conseguem crescer e a própria obtenção de recursos fica prejudicada", completa a coordenadora da Secretaria de Cultura.

Esse quadro de problemas o Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria da Cultura conhece um pouco mais a cada dia. Desde 1986 ele luta para restaurar o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), o primeiro de Brasília. Os alojamentos utilizados pelos médicos casados foram recuperados, mas ainda resta realizar o mesmo trabalho nos que são dispensados aos solteiros.

Diante da falta de dinheiro, a ameaça ronda até a inauguração da primeira etapa de um projeto que pretende retratar toda a história de Brasília. Com abertura ao público marcada para março próximo, o módulo inicial — a cidade de 1956 a 1960 — do Museu Vivo da Memória Candanga, localizado no HJKO, ainda depende de liberação de verba para as últimas reformas, mas com a mudança de governo não é possível fazer qualquer previsão sobre seu futuro.

Os administradores dos museus dizem que há necessidade de plantar uma semente de interesse pela história de Brasília e tentam trazer as crianças e adolescentes para o convívio com os objetos, registros e fatos do passado. Um decreto a ser assinado pelo governador Joaquim Roriz, no próximo mês, instituindo o Sistema de Museus do Distrito Federal, dará meios para a execução dos objetivos.

O decreto facilitará a integração dos museus e, segundo Célia, "assim será mais fácil a execução dos projetos de melhoria e estímulo à procura por eles". São idéias como a de Manoel Luiz, responsável pelo Museu Histórico de Brasilia, localizado na Praça dos Três Poderes, que poderão ter a chance de sucesso.

Com o projeto "Museu vai à Escola", Manoel acha possível criar nas crianças o interesse pela história. "Primeiro precisamos estimular, para depois cobrarmos o hábito", argumenta. Assim, talvez Brasília possa dobrar ou triplicar o número de visitantes, como apregoa Célia em sua intenção de conquista a curto prazo.